



Odayr Emilio

PEDRO PAULO

— entre dois mundos —

“ Os pensangar ”



Uma história de Odayr Emílio

Pedro Paulo

– entre dois mundos –

“Livro 2 - 2ª edição”

Pré-revisão: Poliana Magalhães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Emilio, Odayr

Pedro Paulo entre dois mundos / Odayr Emilio. --
2. ed. -- Guarulhos, SP : Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-85065-9

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

23-179217

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Foi feito o depósito legal

Publicações: 1ª edição em 13 / 11 / 2021

2ª edição em 02 / 11 / 2023

Dedico esta obra a minha esposa “*Sílvia*”, pelo incentivo em resgatar um sonho da juventude, quando a literatura se sobrepunha às demais aspirações e clamava por espaço, criando um personagem marcante, que vivencia a sua jornada em busca da felicidade e que agora ganha as páginas deste livro, para compartilhar com os amantes da leitura uma envolvente história de amor.

Também dedico a todos que ao lerem este livro, consigam viajar nas entrelinhas pela inocência de um amor verdadeiro e acima de tudo estejam crentes de que a felicidade existe, talvez não da forma que esperamos, e fantasiamos em nossos subconscientes, mas dentro dos limites da realidade e no devido tempo.

Odayr Emilio

Deferência

Faço um agradecimento especial a “Deus”, por ter-me presenteado com três filhos maravilhosos, cada um dentro de seu próprio universo, formando uma família única em sua essência.

— A minha filha Alíne, por ela estar presente em nossas vidas, com a singeleza de uma princesa de contos de fadas, à parte das mazelas do mundo, mas firme e determinada em suas convicções.

— E a meus filhos Douglas e William, por completarem esta família, cada um trilhando seu próprio caminho, mas unidos e presentes por um elo de amor.

Odayr Emílio

Agradecimento

Agradeço imensamente a minha esposa “Sílvia” pelo incentivo em resgatar esses momentos, impulsionando-me para que voltasse a escrever um romance como se eu ainda fosse um jovem sonhando com o futuro. Além de ser uma forma salutar de preencher o tempo livre, para que este sexagenário não se perca no marasmo do tempo, e mais ainda, por ser sempre a minha leitora número um.

Agradeço novamente a minha esposa “Sílvia” e a minha filha “Aline Emily” por terem ocupado parte do seu tempo com esta segunda obra, que assim como a primeira, não visava recompensas materiais, mas simplesmente a realização de um sonho da juventude, quando a literatura se sobrepunha as demais aspirações, e poderia ser um caminho a ser trilhado.

Odayr Emilio

Sumário

Os primeiros dias depois do sonho	11
O despertar na caverna.....	18
Uma visita inesperada.....	29
O déjà-vu de Pedro Paulo	38
A venda do ouro	45
Visita à prefeitura de Iporanga	62
A volta ao primeiro encontro.....	81
Sexta-feira, o quinto dia.....	89
O primeiro final de semana	101
A compra das provisões	120
A implantação das melhorias	128
A data do casamento	144
A antevéspera do casamento.....	160
A véspera do casamento	
(Os eventos do primeiro dia)	170
A cerimônia do casamento	
(Os eventos do segundo dia).....	187
A recepção	
(O terceiro e último dia das celebrações).....	208
Um dia intenso.....	220
O primeiro passeio do casal.....	241
O primeiro ano de casados	327
Os gêmeos	365
O retorno à vida real.....	381
Todos os outros dias de Pedro Paulo.....	389

Os primeiros dias depois do sonho

Após saber que ganhara um passeio para a Caverna do Diabo, naquele mesmo dia à noite, quando Pedro Paulo adormeceu, teve um sonho maravilhoso, não só antecipando todo o passeio, como também acrescentando uma pitada de imaginação, trazendo em sua encenação algo inusitado: uma cidade perdida que somente em uma proporção ínfima de um para várias centenas de milhões, aquilo poderia acontecer, e ele ficou imensamente feliz por vivenciar a nova vida, a qual só poderia ser desfrutada daquela forma.

Ao ser acordado por sua mãe, na manhã do dia seguinte, interrompendo aquele sonho esplendoroso, ele deu-se conta da insignificância de sua vida real, da sua falta de perspectivas em relação ao futuro, e que precisaria conviver com essa realidade, enquanto não houvesse uma alternativa capaz de modificar sua condição atual. Cumprindo a rotina de todos os dias, ele saiu para o trabalho normalmente, assumindo as suas responsabilidades com a mesma disposição: de forma exemplar como sempre, mas contando as horas para que o dia terminasse, e depois em casa, poder contar aos seus pais seu sonho da noite passada.

Após o jantar, como era hábito da família ficarem algum tempo conversando antes de dormir, ele contou em minúcias o sonho que tivera. Descrevera apaixonadamente a sua princesa

Lucile, como se ela estivesse ali presente, fazendo parte do grupo. A empolgação dele era tão contagiante, que a família toda pareceu embarcar na história, como se fossem coadjuvantes, e de alguma forma fazendo parte dela. A mãe dele quebrando o êxtase o interrompeu:

— É isto que me preocupa a sua impulsividade! A sua busca por algo ou alguma coisa para ficar em evidência, incorporando um fato novo à história que conhecemos. Eu lhe peço mais uma vez que tenha prudência nesse passeio, e não faça tolices em função de um sonho. Bem, vamos dormir que passou da hora!

— Não se preocupe, minha mãe, não farei loucuras! Mas se fosse possível, gostaria de reviver esse sonho todas as noites, como em um seriado de TV, episódio após episódio, porém sem nunca chegar a um final, como extensão de minha própria vida. (Ele enfatizou retirando-se para o seu quarto.)

Após o silêncio tomar conta do ambiente, ele procurou dormir focando sua imaginação no sonho da noite anterior, como uma indução, caso isso fosse possível, para tentar retornar à sua história, e quem sabe continuar sonhando de onde havia parado. Entretanto, adormeceu profundamente e, ao acordar depois de muitas horas, não se lembrava de ter tido sonhos ou pesadelos, ficando evidente que não dispunha desse arbítrio, como todos os demais mortais.

Mais um dia de trabalho transcorreu normalmente. Envolvido pela rotina, Pedro Paulo não teve tempo para pensar em sua cidade perdida, ou mais precisamente em sua princesa Lucile, pois ele era um bom funcionário, e procurava desempenhar seus serviços da melhor forma possível, visando

não só ao reconhecimento profissional, mas a sua própria bagagem de conhecimentos, que o qualificaria cada vez mais num disputado mercado de trabalho.

No colégio, à noite, o panorama não foi diferente. Absorvido pelo convívio com os demais estudantes, colegas e professores, a sua mente estava ocupada com outras prioridades, inclusive com a euforia do passeio à Caverna do Diabo, faltando apenas quatro dias para sua realização.

Como o curso da vida, em que cada dia nada mais é que a repetição metódica do dia anterior, Pedro Paulo, ao voltar para sua casa, jantou com sua família, conversou um pouco com seus pais e depois foi para cama, ainda imbuído da esperança maluca de dar continuidade àquele sonho. No refúgio do seu quarto, ele mentalmente tentava se transportar para sua cidade perdida, procurando — sem sucesso, criar uma aura mística que o reconduzisse de volta.

Nos próximos dias que antecederam o passeio, essa foi a rotina dele. Com os dias permeados de dificuldades, estava diante de uma sociedade cruel e consumista, que não admitia fraquezas e desprezava sonhos não realizados. Foram noites mal dormidas vivenciando aquele sonho maravilhoso, que procurava manter em seu subconsciente, talvez inacessível a qualquer ser humano normal, mas que ele insistia em fazer parecer verdadeiro, para dar sentido a sua vida real, naquele momento sem qualquer atrativo que a tornasse mais interessante.

Então chegou o dia tão esperado, uma segunda-feira que nunca seria igual às outras, porque todas as coisas que ele estava fazendo ou das quais estava participando, pareciam muito similares ao que havia vivido naquele seu sonho, que de certa

forma havia tirado a magia do que estava por acontecer. Ao sair de casa às três e meia da madrugada e olhar para o céu, teve a impressão de que todas as estrelas estavam exatamente na mesma posição da vez anterior, não poderia jurar, mas até a lua lhe deu uma piscadinha marota, brincando com sua incredulidade diante de tanta semelhança. O trajeto de sua casa até a praça central da cidade, de onde partiria a excursão, passou despercebido, apenas chegando muito antes do necessário, com quase uma hora de antecedência, sendo o primeiro a estar ali.

A praça estava deserta e sem qualquer movimentação, o que era natural pelo horário, e ele muito tranquilo, pôs-se a caminhar pelo entorno para matar o tempo, apesar de ter muitos bancos à sua disposição. Após algumas voltas, vislumbrou bem distante, na avenida principal, uma pessoa que caminhava em direção à praça. Então parou para observá-la, e percebeu que a uma quadra dali ela parou e entrou em uma casa, pulando um murinho baixo, sem abrir o portão. Desconfiado de aquilo não ser uma simples coincidência, continuou parado no mesmo lugar, aguardando o possível desfecho daquele ato, lembrando o que acontecera da vez anterior, durante o seu sonho. Pedro Paulo ficou pasmo! A sua suspeita estava certa, e não demorou muito para que o filme guardado em seu subconsciente fosse reproduzido na íntegra, com todos os detalhes: um homem correndo pela rua semidespido, outro atrás alucinado, gritando impropérios, uma mulher desesperada chorando na porta de sua casa, e um cachorrinho latindo em solidariedade ao seu dono.

Ele sabia o que estava acontecendo, tinha lido alguma coisa a respeito, do que as pessoas chamavam de “déjà-vu”, que era o fato de presenciar situações, as quais tinha a certeza de ter visto antes, e que poderiam ocorrer repetidas vezes, sem que isso fosse necessariamente um problema. Contudo, no caso dele, sem

dúvida nenhuma, ter presenciado tudo isso em um sonho há poucos dias, não deixava de ser estranho, mas por outro lado o deixava esperançoso, pois se os fatos continuassem a se repetir, quem sabe ele realmente encontraria naquela excursão, uma cidade perdida e o mais importante para ele, a sua princesa do sonho.

Enquanto ele refletia, os ônibus que levariam os alunos ao passeio começaram a chegar, enfileirando-se em uma das laterais da praça. Quase que simultaneamente os participantes começaram a despontar de todos os lados, bem como os professores e responsáveis pela excursão, orientando os alunos para irem se acomodando nos respectivos ônibus. Assim que entrou, ele instalou-se estrategicamente em um banco no meio do ônibus, por ser mais seguro segundo o conselho de sua mãe, pois as extremidades eram mais vulneráveis em caso de acidente. Escolheu o assento da janela, pois gostaria de ir observando a paisagem, mas ficou atento para ver quem seria o seu companheiro de viagem. Caso o professor Joe se sentasse ao seu lado, como ocorrera há poucos dias no sonho, ficaria sem ação. O destino, porém, adorava lhe pregar peças, e sua intuição não estava errada, pois não demorou muito para que o referido professor ocupasse o assento ao lado, cumprimentando-o com um aceno de cabeça e em seguida, ajeitando-se para dormir, fechando os olhos.

Pedro Paulo o observou durante toda a viagem enquanto ele dormia. Na viagem anterior, eles haviam feito amizade durante o trajeto, uma vez que ele não era seu professor e só o conhecia de vista. Caso isso não acontecesse, todo o restante da sua aventura do sonho estaria comprometida. Perdido nessas divagações também acabou adormecendo, até que o ônibus deu um ligeiro solavanco ao passar por uma lombada, na entrada do

estacionamento na Caverna do Diabo, acordando ambos. Arregalando os olhos, em um misto de pergunta e resposta para si mesmo, o professor indagou:

— Chegamos?! É aqui?! De pronto levantou-se, espreguiçando-se no corredor do ônibus, sem nem esperar pela parada definitiva.

Assim que todos desceram dos ônibus, cada grupo de aproximadamente doze alunos, formaram uma fila com seus responsáveis, para aguardar o sorteio da ordem de entrada na caverna, pois não poderiam entrar todos de uma só vez, intercalando os grupos com os demais visitantes, dentro do limite permitido para cada hora e meia de visitaç o.

Dessa vez, o grupo dele, pela ordem, seria o segundo a entrar na caverna e o professor Joe n o era um dos respons veis pelo grupo. Essa nova situa  o, deixou claro que o **d j -vu** havia desaparecido, terminado desde a sa da do  nibus, l  na pra a da cidade, quando o professor Joe se sentou ao seu lado, mas sem qualquer interesse em puxar conversa. Convicto de que n o havia mais esperan a de reencontrar sua cidade perdida, apesar de um pouco frustrado, ele se prop s a aproveitar ao m ximo o seu passeio, porque ele por si s , valeria muito a pena.

O tempo de espera para a entrada na caverna seria de uma hora, o suficiente para ir ao banheiro e degustar alguns dos lanches que sua m e havia colocado na mochila, pois estava com muita fome. Apesar de n o querer mais fazer associa  o com o que havia visto antes, quando da visita em sonho, ele olhava ao redor e tudo lhe parecia familiar. Para qualquer coisa que fizesse, tinha a sensa  o de que tinha feito o mesmo antes e assim as coisas foram acontecendo, at  que come aram a descer por uma

escada, que os levava para o interior da caverna, ao lado de um íngreme paredão, com a audição abafada pelo som das águas do Ribeirão das Ostras, que caía do lado esquerdo, escorrendo em um aparente sumidouro. Ao terminar de descer os degraus, Pedro Paulo teve um mal-estar súbito e caiu desmaiado.

Aconselhado pelos monitores da Caverna do Diabo, o grupo continuou o passeio, e ele foi levado pelos monitores para uma sala de enfermaria, onde seria mais bem avaliado e poderia receber os cuidados médicos necessários.

O despertar na caverna

Pedro Paulo ficou deitado em uma maca por alguns minutos, não tinha escoriações ou qualquer machucado aparente, seus sinais vitais estavam normais, aparentava estar tranquilo, dormindo em sono profundo, mas por mais que tentassem acordá-lo ele não reagia. Imerso nessa letargia seu eu espiritual vagueava, procurava um marco para se orientar, algo ou alguém para trazê-lo de volta à vida, uma razão para continuar vivendo. Então, quebrando essa barreira, uma mão suave acariciou sua face, e ele escutou uma voz feminina, em princípio bem distante, depois bem ao seu lado, quase que sussurrando:

— Oi, dorminhoco, acorde... Você dormiu demais!

Ele insistia em continuar com os olhos fechados, como se não estivesse ali, mas a voz retornava mais alta, com um tom ainda mais apaixonado:

— Oi, dorminhoco, acorde... Você dormiu demais!

Após alguns instantes ele abriu os olhos, um tanto quanto perdido, ainda sem saber ao certo onde estava, e visualizou na penumbra, sentada ao seu lado, Lucile. Ela sorria para ele enquanto o despenteava por brincadeira, e antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela o beijou demoradamente, talvez em

função do que estavam conversando antes de pegarem no sono, segundo a visão dela.

Pedro Paulo, ao contrário, ainda tinha em sua consciência, as lembranças de alguns minutos atrás, quando estava com seu grupo, descendo os degraus da Caverna do Diabo quando caíra e perdera os sentidos. Entretanto, de alguma forma ele estava ali, dando continuidade ao seu sonho anterior, e não importava se o que estava acontecendo fosse — ilusão ou realidade — ele faria aquele sonho se transformar em uma vida real. Desconsiderando todos os obstáculos expostos anteriormente, levantou-se, olhou para a caverna de extremo a extremo para ter certeza de onde estava, a abraçou com muito carinho e disse:

— Eu te amo muito Lucile! Desculpe-me pelos problemas que aventei, enquanto dormíamos pude refletir melhor e encontrei novas soluções. Eu estava olhando a nossa situação pelo lado racional, vendo as coisas pela visão de um adulto, calejado pelas batalhas, sem desfrutar de um amor verdadeiro como o nosso. Jamais vou querer ficar longe de você, construiremos o nosso amanhã juntos, enfrentando todas as dificuldades com o escudo do nosso amor e a força deste sentimento que nos une.

Ela pasma com a declaração de amor e mudança de opinião de seu amado, não sabia nem o que dizer e simplesmente chorou de felicidade, com a convicção de que a partir daquele momento seria para sempre, como ela imaginara desde quando o viu pela primeira vez. Enxugando disfarçadamente as lágrimas que brotavam, puxando-o pelas mãos, disse:

— Acho que passou da hora de almoçarmos. Vamos antes que minha tia nos dê uma bronca.

E mais felizes do que nunca, de mãos dadas, jogando-as para frente e para trás, abandonaram seu refúgio e foram para a casa da tia dela. Quando estavam quase chegando lá, viram os três tios conversando no portão, como se estivessem esperando por eles. Ao se aproximarem o mais velho, franzindo o semblante, com cara de muito zangado dirigiu-se a ele:

— Onde você estava com a minha sobrinha? E o que faziam até agora atrasando nosso almoço?

Desconsertado, o rapaz engoliu em seco. Quando pensou em falar qualquer coisa, o tio dela mudou de atitude e, sorrindo em tom de brincadeira, continuou:

— Estou de olho em você rapazinho! E fez um gesto de apontar os dois dedos de sua mão direita primeiro para os seus olhos e depois para os dele.

Nesse ínterim, tia Constância que assistia a tudo da janela, interveio com um sorriso:

— Assim você vai espantar o nosso hóspede, Kabir! Venham que o almoço está pronto, depois vocês conversam.

Todos deveriam estar realmente com fome, pois foram entrando e se dirigindo para a cozinha, onde um aroma muito saboroso tomava conta do ambiente. Tia Constância foi ditando as regras, para que cada um fizesse o seu prato e depois o deixasse na pia para lavar. À moda self-service, em fila indiana, um a um foi se aproximando do fogão de lenha servindo-se; em seguida acomodando-se à mesa começaram todos a comer em silêncio. Depois que terminaram e colocaram seus pratos na pia, Lucile se

propôs a lavá-los, enquanto sua tia fazia um bule de café, e os homens aguardavam na sala para tomar um cafezinho.

Finalmente, após um momento de descontração, em que os tios pilheriavam entre si, para tornar o clima da reunião menos tenso, o mais velho deles perguntou a Pedro Paulo, sobre como as pessoas de sua família escolhiam o nome dos filhos, pois na Índia todos tinham algum significado.

O dele, por exemplo, Kabir, significava o grande; o do seu irmão do meio, Odara, paz e tranquilidade e o do mais novo, Siddhartha, aquele que alcançou sua meta. Então, sorrindo, olhando para sua irmã e sua sobrinha, ressaltou que algumas pessoas mais rebeldes, só para contrariar seus familiares, resolveram adotar nomes estrangeiros que leram em livros, como se fossem apelidos, mas que acabaram pegando. Tia Constância era chamada por seus pais de Aruna, que significava esperança ou nascer do dia, e Lucile tinha o nome mais emblemático para uma mulher, Ananya, aquela que é única, incomparável. Vale destacar que ambas ficaram com bronca, pois não esperavam que seus segredos fossem revelados e o fuzilaram com o olhar, enquanto o rapaz ressaltava que na cultura ocidental havia uma liberdade de escolha, sem critérios definidos ou obrigatórios, e todos eram aceitos naturalmente.

O tio mais novo da garota, que era o mais comunicativo e também o mais brincalhão, deu uma tossida para chamar a atenção e, muito sério, começou a falar:

— Bem, é hora de começarmos nossa reunião. E com o dedo em riste para o assustado rapaz continuou: Pedro Paulo, você é o único responsável por tudo o que está acontecendo aqui, foi você que nos meteu nessa enrascada! Com certeza não o deixaremos

ficar observando de camarote, enquanto nós nos matamos de tanta preocupação e trabalho. É hora de você também assumir as suas responsabilidades! E pôs-se a rir feito criança traquina.

Como se estivessem seguindo um script, o tio do meio, que era mais calado e ponderado, antes que o rapaz pudesse esboçar qualquer reação, passou a explicar o motivo da reunião, e eles estarem ali naquele momento:

— Quando os anciãos nos escolheram para comandar nosso povo, ficamos muito lisonjeados com essa tarefa, pois nascemos e vivemos aqui, não há segredo no que precisamos fazer no dia a dia e, temos conhecimento suficiente para fazer muito melhor do que vinham fazendo nossos antigos governantes. Contudo, ao nos libertar, você nos colocou em um outro patamar, e disse que precisaremos interagir com o mundo lá de fora. Daqui a pouco chegarão a nosso povoado pessoas querendo mudar nossos costumes, interferir em nossas crenças, tomar decisões em nosso nome, e sinceramente não nos sentimos à altura dessa missão, por isso precisamos da sua ajuda mais do que antes.

O tio mais velho fez um sinal ao seu irmão, de que continuaria a explanação, enquanto Pedro Paulo paralisado como uma estátua viva, era abraçado pela garota, entusiasmada pelo reconhecimento do valor do seu namorado.

— Antes de falarmos com você, Pedro Paulo, nós nos reunimos com nossos anciãos, expondo essa situação e a nossa ideia, e eles prontamente concordaram, pois com os seus conhecimentos, logicamente você pertence a uma família brâmanesa em seu clã, e estaria apto ao cargo que lhe ofereceremos e gostaríamos que aceitasse. Segundo nossa sobrinha, vocês se amam muito, e não vemos empecilho a união

de vocês para formarem uma nova família. Com essa flexibilização em nossos costumes, quem sabe no futuro restauramos o nosso reino, da forma como ele sempre foi governado. Por isso aquele meu aparte sobre nomes, pois a partir de agora você passará a ser chamado Raj Pedro Paulo, uma vez que Raj também significa príncipe, e com muito orgulho é como o consideramos em nossa comunidade, apesar de não estar diretamente exercendo esse cargo.

Incrédulo, aquele rapaz humilde, jamais imaginara que aquilo pudesse acontecer. Estava radiante com a confiança depositada nele, e ao mesmo tempo apavorado por tanta responsabilidade. Entretanto, tinha feito o impossível para retornar àquele sonho e agora que estava de volta, ao lado de sua amada, aceitaria qualquer coisa para não mudar aquela situação. Sem titubear, assumindo o seu papel de novo integrante daquele povo, pôs-se a falar:

— Eu aceito essa incumbência, será uma honra ser o representante de nosso povo nessas tratativas, procurarei sempre tomar as decisões mais acertadas quando precisar opinar de bate-pronto, mas sempre dialogaremos antes quando for possível. Em verdade, não estarei sozinho, pois a princesa sempre vai estar comigo, participando e expondo a sua visão.

Aproveitando que fora citada, a garota o interrompeu para também entrar na conversa:

— Obrigada pela consideração, meu príncipe, mas as dúvidas dos meus tios são muito pertinentes. Tenho certeza de que você saberá lidar com essas pessoas, mas o que acontecerá com o meu povo daqui para frente?

Ele retomou a palavra, tentando acalmá-los, e ao mesmo tempo passou um posicionamento de como deveriam proceder:

— O que questionou o tio Odara, sobre pessoas querendo mudar nossos costumes, não deveremos encarar como uma afronta, mas como um complemento, uma adaptação ao novo tempo. O mundo lá fora evoluiu, mudou, se passou muito tempo desde que vocês perderam o contato com ele, e agora seremos nós que precisaremos imitá-los, aprender com eles, para alcançar o mesmo status e não sofrermos discriminações por estarmos desatualizados.

O tio mais velho, carrancudo e inflexível como sempre, quase gritou:

— Eu não mudo minha crença! Não vou trocar os meus deuses para ficar de bem com eles!

Ele novamente procurou tranquilizá-los:

— Não se preocupe, tio Kibir, ninguém vai lhe obrigar a abdicar de sua crença, mas certamente apresentarão a deles, e ficará a cargo de cada um aceitar ou não uma nova visão. Felizmente neste país ao qual pertencemos — o Brasil, a religião é livre, há afrodescendentes com seus cultos, asiáticos, árabes, entre outros, e obviamente o cristianismo que é a religião predominante, trazida pelos portugueses na mesma época em que também chegaram à Índia.

O tio mais novo, que prestava bastante atenção em tudo o que ele falava, tirou suas próprias conclusões e as resumiu assim:

— Bom, pelo que estou entendendo, daqui para a frente seremos meros espectadores! Poderemos até parecer livres, mas ficaremos dependentes deles.

Pedro Paulo entendeu o desabafo, pois de uma certa forma, era como se a liberdade deles estivesse para ser tolhida, em face da necessidade de interação a que se submeteriam. Mais uma vez, procurou diminuir o impacto inevitável:

— Estou entendendo suas preocupações, tio Siddartha, mas será uma interação gradual e lenta, como a germinação de uma planta, que requer muito cuidado e paciência para que ela cresça viçosa e no futuro dê frutos. Contudo, daqueles três casos levantados inicialmente pelo tio Odara, o que entendo como o mais impactante e de certa forma impositivo, se refere **não a tomada de decisões em nosso nome, mas ao cumprimento delas por nós**, e não só em relação ao nosso povo, pois existe neste país um conjunto de leis a serem obedecidas e, de forma abrangente respeitadas por todos que vivem aqui. No momento atual não existem reinos independentes, autônomos como antigamente, neste local ou em outra região deste país, mas isso é um assunto muito longo para ser exposto agora a vocês.

Os tios da princesa, atuais governantes de seu povo, se deram por satisfeitos com o desfecho da reunião, pois o rapaz aceitara a missão dele. Apesar de estarem muito preocupados com as mudanças que estavam por vir, sabiam que estavam bem assessorados e, no íntimo, ansiavam por voltar ao convívio com o restante do mundo.

Assim que eles se retiraram, tia Constância chamou o caszinho enamorado para caminharem um pouco, sem se preocupar com o tempo. Ela gostaria de ver o pôr do sol por entre

as colinas, de um ponto estratégico, que conhecia próximo do lago, onde a vista era maravilhosa, e a imensidão do horizonte passava uma sensação de paz.

Enquanto desfrutavam daquela vista, ela contou que os admirava pela garra que demonstravam, pela busca de um mundo melhor para seu povo, pelo amor que enxergava na reciprocidade de seus olhares e tinha certeza de vê-los muito felizes como uma família e como futuros governantes de seu povo.

Pedro Paulo, após escolher a cidade perdida, como a sua nova morada estava muito feliz. Tinha um vilarejo inteiro para cuidar. Sonhador demais, imaginava fazer dali um paraíso em todos os sentidos, com o amor ao próximo, sendo a tônica de todos os moradores do lugar. Dessa forma, ali, todos seriam iguais, sem subterfúgios para um querer ser melhor que o outro. Prendendo-se ao dogma da fraternidade, sem necessariamente seguir esta ou aquela religião.

De uma certa forma, esta empreitada dele tinha tudo para dar certo. Aquela comunidade era formada por descendentes hindus, seguidores da religião mais antiga do mundo, com premissas louváveis quanto a maneira de viver. O hinduísmo é uma religião que valoriza a não-violência e a compaixão pelos seres vivos, estendendo esse conceito aos animais e ao meio ambiente. Apesar de divergir do cristianismo em muitos aspectos.

Pedro Paulo estava fascinado pela cultura do povo de sua princesa Lucile. Para ele, um católico não praticante, e avesso a muitas colocações que expunham sem ser convincentes, praticamente exigindo a aceitação sumária de seus adeptos, fazia todo sentido migrar de lado. Durante o período de namoro, com ambos expondo os ensinamentos recebidos, em princípio quanto

a religião, pelo amor que sentiam um pelo outro, combinaram de manter-se aberto ao diálogo, sem a necessidade de submissão contra vontade, mas propenso a acatar um meio termo, que satisfizesse a ambos.

A garota completamente apaixonada pelo rapaz, disse-lhe que ele interiormente era praticamente um hindu, pois as atitudes dele se enquadravam perfeitamente no contexto da religião dela:

— Ele era uma pessoa justa, haja visto o que havia feito pelo povo dela.

— Valorizava a família. Estava ali lutando pela liberdade de todas as famílias de seu povo, e falava o tempo todo com amor da dele, que estava à quilômetros de distância dali.

— Acordava todos os dias antes do sol nascer. Ela observava que ele tinha esse costume, mesmo desconhecendo os hábitos do povo dela.

— Quanto a nortear suas atitudes com base na verdade, devoção e sinceridade, ela não tinha dúvida. Ele havia demonstrado tudo isso e muito mais, no pouco tempo em que se conheciam.

— Ela só não tivera como comprovar uma delas, orar ou meditar dez minutos por dia, isso no mínimo, mas diante de todas as observações anteriores, essa logicamente ele também cumpriria.

Ele por sua vez, dissera a sua amada Lucile, que ela e o povo dela, vivendo da forma como viviam, poderiam pertencer a qualquer religião que quisessem, independente de suas culturas

diferenciadas, como seguir um único Deus, ou vários deles. Na visão dele, a conduta pessoal era o que prevaleceria. Poderiam viver coletivamente unidos, e cada qual individualmente em sua própria cultura, se assim preferisse.

Assim, o jovem casal seguia a rotina deles, felizes com as suas escolhas. Vivendo dias maravilhosos, enebriados por um amor imenso, que transbordava de alegria, contagiando a todos que faziam parte da convivência deles, mesmo os que ainda tinham um pé atrás, quanto aquele relacionamento. A tia Constância se incumbia em aparar essas arestas, atribuindo as diferenças de atitude, a juventude do seu futuro genro, e ao desconhecimento dos costumes deles. Por outro lado, enaltecia-o, dizendo que ele estava muito empenhado em aprender, dedicando-se em receber novos conhecimentos, buscando interagir com os anciões.

Uma visita inesperada

No dia seguinte pela manhã, quando todos estavam na cozinha tomando o café, foram surpreendidos pelo som de algumas batidas na porta, como se alguém estivesse pedindo para ser atendido. O rapaz levantou-se e foi abrir a porta, pois havia terminado de comer, e tinha o hábito de ser sempre prestativo, antecipando-se a qualquer pedido. Ao abri-la deu de cara com o professor Joe sorrindo, que foi lhe abraçando com afeto, como se houvesse passado muito tempo.

— Meu Deus, rapazinho, que saudade! Pelo jeito você não vai voltar para sua casa tão cedo? (Perguntou em tom de exclamação.)

— Realmente não professor, ainda há algum tempo antes de recomeçarem as aulas, e tenho umas ideias malucas. sobre isso, mas e o senhor? O que o trouxe até aqui? Também pensei que estivesse em sua casa. (Respondeu o rapaz.)

Ouvindo a conversa da cozinha, tia Constância foi dizendo:

— Vocês dois, deixem de prosa! Pedro Paulo, traga o professor para tomar café conosco, depois haverá muito tempo para pôr a conversa em dia.

Assim que viu o professor, Lucile levantou-se e veio de encontro a ele, abraçando-o antes mesmo dele chegar na cozinha.

— Menina, como você está bonita e radiante! Acho que as coisas estão muito bem por aqui, todos me parecem estar felizes. (Disse o professor.)

— Sim, estamos, e fazendo muitos planos para o futuro. O Pedro Paulo agora faz parte do nosso povo, ele recebeu um título de nobreza, foi nomeado como nosso príncipe e será nosso representante, quando precisarmos falar com o pessoal das outras cidades. (Ela enfatizou)

— Crianças, deem um tempo ao professor, deixe-o tomar um café sossegado. E olhando para ele puxando uma cadeira continuou. Por favor sente-se aqui! Sinta-se em casa! É muito bom tê-lo aqui novamente. (Falou tia Constância.)

Por alguns momentos todos ficaram em silêncio, enquanto o professor Joe se servia de uma fatia de bolo de milho, acompanhado pelo rapaz que resolveu lhe fazer companhia, tomando um segundo café da manhã. Depois eles foram para a varanda, onde havia dois bancos de madeira para sentar-se, e uma brisa fresquinha do lado de fora. A tia preferiu começar a preparar o almoço.

— Professor conte-nos como chegou até aqui? (O rapaz perguntou.)

— Eu pedi uma carona para aquele meu amigo que tem o helicóptero, disse-lhe que tinha coisas muito importantes a resolver aqui com vocês, e não tinha como alguém me trazer de carro. Ele aterrissou naquela colina em que chegamos aqui pela primeira vez, deixou-me e voltou para a cidade, pois eu lhe disse que não tinha ideia de quanto tempo precisaria ficar. Quanto a estar de volta, o culpado é você, rapazinho, pois me encarregou

de fazer tantas coisas. Eu não poderia voltar para minha casa, sem antes colocá-lo a par da situação, pois todos aqui estão dependentes das respostas do que me propus a fazer. (Frisou o professor.)

— Sensacional, professor! Eu sabia que podia confiar no senhor, e não haveria pessoa mais bem preparada para nos ajudar, além do carinho e apreço pela sua amizade, porque tudo de bom que está acontecendo na minha vida hoje... só foi possível por tê-lo conhecido. (Exclamou o rapaz emocionado.)

A garota, tão emocionada quantos eles, resolveu também entrar na conversa e disse:

— Eu também gosto muito do senhor, e apesar do pouco tempo que passamos juntos, ele foi tão gratificante que passei a considerá-lo o pai que nunca tive, como dissera antes. Ainda bem que o meu namorado lhe pediu tantas coisas para fazer, assim temos o senhor de volta e quem sabe por bastante tempo. (Finalizou)

Sorrindo feliz por tudo que estava escutando, o professor Joe levantou-se do banco, caminhou até a saída, encostou-se em uma das colunas, e por alguns instantes ficou contemplando o céu. Depois voltou, tornou a sentar-se e começou a falar:

— Eu é que sou grato a vocês por toda essa consideração. Se fosse por opção, também não iria mais embora daqui, pois junto de vocês me sinto revigorado e feliz, com muito mais entusiasmo pela vida. Quanto aos pedidos dele, foram apenas seis (ele sorriu), e três deles muito simples, que fiz de imediato e sem qualquer dificuldade. Pela ordem, primeiro eu deveria olhar a estrada do alto, quando estava voltando para a cidade de

helicóptero; depois, fazer a denúncia; em seguida, trazer a mochila dele com seus documento da pousada para cá. O quarto pedido também não deu muito trabalho, e foi feito nesta ordem pela relevância que tinha, pois não iria interferir de imediato na execução do plano da libertação de seu povo, que era a checagem dos documentos copiados por Lucile, sobre a posse destas terras pelos seus antigos governantes, no Cartório da cidade de Iporanga ou Eldorado, o que fiz no dia seguinte ao da denúncia. Contudo, o quinto pedido não foi possível realizar da forma como esperado, por isso retornei aqui.

A princesa o interrompeu, percebendo o quanto o jovem estava concentrado nas explicações dele, e mesmo porque parecia estar desgastante para o professor, falar por tanto tempo sem ser interrompido.

— Vamos dar uma pausa ao senhor professor, também tenho muitas novidades para lhe contar. O meu namorado resolveu ficar aqui comigo, e os anciãos juntamente com meus tios, deram a sua benção para nossa união, considerando Pedro Paulo pertencente a uma casta brâmanesa, do mesmo nível de minha família, apesar de ser de outro clã, e acrescentaram que estava na hora de flexibilizar um pouco os nossos costumes. Assim sendo, depois de alguns anos, poderemos governar o nosso povo, pois sou filha do falecido Rajá.

— Meus parabéns, menina! Vocês merecem ser felizes! Que Deus os abençoe e proteja.

Pedro Paulo, que continuava calado e pensativo, disse:

— Eu imaginava que teríamos muitas dificuldades com o quinto pedido professor Joe, mas ele é de fundamental importância para subsistência do povo dela. Caso contrário,

ficarão isolados nos confins da cidade de Iporanga, distante de tudo e de todos, sem qualquer aspiração futura para seus integrantes, à mercê de uma mísera ajuda de instituições governamentais. Vamos chamar os tios dela, para que eles também ouçam o que o senhor tem a falar, bem como opinar sobre o que poderemos fazer nesse sentido, porque eu deduzo como os antigos governantes negociavam esse ouro, e talvez seja o único caminho.

Nesse momento, tia Constância que acabava de chegar e tinha escutado o finzinho da fala do rapaz, sugeriu que eles fossem até a casa de seus irmãos e combinassem uma reunião na sede por volta das quatro horas. Um tanto contrariada, destacou que aquele era o novo nome daquele grande barracão, que tinha inúmeras utilidades para seu povo, e fora rebatizado em função disso por Pedro Paulo, para melhorar o status quando ele fosse mencionado. Continuando, ressaltou que em face da importância do assunto a ser tratado, talvez fosse conveniente também chamar os anciãos para participar. Aproveitou para dizer que o almoço estava quase pronto, e ela tinha feito uma comidinha especial, para comemorar a chegada do professor. Então eles foram pedir essa reunião. Os tios de Lucile também ficaram felizes em rever o professor Joe, jogaram um pouco de conversa fora, e voltaram de imediato para almoçar.

A tia Constância, que simpatizava com o namorado de sua sobrinha, e procurava deixar isso evidente a todos, o enxergava como um autêntico príncipe de seu povo, e pronto para assumir suas responsabilidades perante o clã, pediu que ele se trocasse. Deu-lhe trajes de gala real — vestes toda branca — para impressionar os anciãos, e disse a sua sobrinha que, por ser uma princesa fizesse o mesmo.

Pontualmente às quatro horas da tarde, todos os participantes da reunião, estavam a postos: Pedro Paulo e Lucile, seus três tios, os anciãos, além de alguns outros membros da família dela, que compunham o grupo responsável pela condução de todo o clã, cuidando das demais áreas, como abastecimento, educação, entre outras. Então o jovem entusiasmado abriu a sessão:

— Bom, antes tudo, agradeço a confiança depositada em mim por todos vocês, e tenham certeza de que não os decepcionarei. Um pouco antes da deposição dos antigos governantes, a princesa contou-me que eles usavam o ouro extraído da mina, para comprar produtos diversos fora de nossa comunidade, a fim de abastecer nosso estoque, com o que não era produzido aqui. Por isso, pedi ao professor Joe que tentasse verificar em Iporanga ou Eldorado, cidades próximas ao nosso povoado, **onde** e **como** eles faziam isso, porque acredito que até hoje vocês não tinham a menor ideia, e porque precisaremos continuar fazendo a mesma coisa, para mantermos uma boa qualidade de vida. A garimpagem e a venda de ouro, são muito complicadas no país em que vivemos, e para vocês irem se familiarizando, o nosso país se chama Brasil, e o professor poderá dar maiores detalhes.

— Boa tarde a todos! Eu me sinto honrado em fazer parte deste momento decisivo para vocês, e poder ajudar, seguindo as premissas deste jovem brilhante, o Pedro Paulo, que apesar de sua juventude, tem uma visão de futuro digna de sábios. O medo dele; era de que seus antigos governantes tivessem registrado a “lavra” em nome deles, e vocês não poderiam utilizar-se do ouro da mina. As leis deste país estabelecem que o ouro é de quem o descobre e não de quem tem a terra, mas ainda que não fosse assim, toda esta

terra onde vocês vivem; foi comprada por eles de alguma forma e legalmente pertence a eles.

— Ladrões! Sem vergonhas! Abusaram de nossa hospitalidade e inocência. Interrompeu inconformado o tio Kabir, o mais velho do trio governante atual, expressando a indignação de todos ali presentes, em face do que acabavam de escutar.

O professor pediu calma e continuou:

— Felizmente eles não solicitaram esse registro, mesmo porque é muito complicado e demorado, e talvez achassem que não seria necessário, pois por ora ainda há outros caminhos. Quanto à posse da terra, há uma brecha legal, para manterem pelo menos parte de suas terras, mas este rapaz os orientará no momento oportuno.

— Então está fácil! Pedimos esse registro e poderemos continuar explorando nossa mina, sem qualquer problema daqui para frente! Exclamou de forma intempestiva o tio Siddartha, o mais novo do trio governante atual, como se tivesse achado o pote de ouro no fim do arco-íris.

O professor deu continuidade de onde tinha parado, acenando negativamente:

— Se fosse tão simples, seus antigos governantes não perderiam a oportunidade. São necessários muitos documentos e a avaliação de órgãos governamentais quanto ao impacto do meio ambiente. Isso levaria anos até que obtivessem a autorização, estando impedidos da extração nesse espaço de tempo.

A princesa, que acompanhava o desenrolar dessa

exposição ao lado de seu namorado, prestando muita atenção, resolveu entrar na conversa, pois percebeu que os ânimos estavam alterados:

— Pessoal, tenham calma, os nossos antigos governantes nos deixaram em uma roubada, estamos perdidos, mas não desamparados. Felizmente os deuses colocaram Pedro Paulo e o professor Joe em nossas vidas, deixem que eles nos orientem sobre o que devemos fazer; eles conhecem as leis do país em que vivemos e devemos seguir daqui para frente. Por favor, continue, professor:

— O segundo caminho, que foi o utilizado por seus antigos governantes e não é exatamente legal, mas por falta de uma lei mais específica, é muito praticado pela maioria dos garimpeiros, consiste em vender o ouro direto para as instituições financeiras. Essas instituições só pedem que preencham um documento formal, com o nome do vendedor, apresentando os documentos de identificação dele e o local de onde provém o ouro, sem qualquer comprovação dessa informação. Eu tenho certeza disso, porque me informei em uma dessas instituições na cidade de Registro, a 120 quilômetros de distância daqui. É uma viagem de três horas de carro. Com o nome de seus antigos governantes, pude verificar que eles têm contato e são conhecidos das pessoas que trabalham lá.

Mais aliviada, a princesa o interrompeu:

— Então professor, segundo minha interpretação, dessa forma poderemos seguir em frente. O meu namorado também é da cidade grande, e deve ter os documentos necessários para negociar em nome do nosso povo.

— É por isso que retornei até aqui e contava com essa

hipótese, pois acredito que ninguém do seu povo tenham documentação de identificação válida para essa operação, e estava pretendendo fazer isso amanhã cedo, pois também preciso voltar para minha casa. (Completo o professor.)

Uma das tias da princesa, chamada Âmbar, que controlava a distribuição de produtos a seu povo, disse que estava na hora de comprarem uma nova remessa, pois o estoque que tinham estava no fim, e tinha em mãos a lista de compra que faziam periodicamente, a qual costumava entregar para os antigos governantes.

O tio Odara, que era o terceiro membro do atual trio governante, pronunciou-se dizendo que eles tinham uma grande quantidade de pepitas de ouro. Além daquelas que os trabalhadores da mina haviam entregado a eles, na véspera da destituição de seus antigos governantes, ele encontrou depois, mais trinta sacos plásticos transparentes, com cinco quilos em cada um, armazenados em um baú, na Casa da Guarda, que era tipo o escritório deles. Junto havia um caderno de controle com anotações sobre a movimentação; datas e quantidade na entrada e na saída.

Como todos os assuntos levantados foram abordados, e havia urgência em viabilizar essas tratativas, Pedro Paulo propôs para o dia seguinte a ida até a cidade de Registro. Também destacou que seria importante, além dele, a princesa e o professor, que o atual trio governante, ou um deles os acompanhasse, não só para presenciar os atos, mas para que conhecessem pela primeira vez os seus vizinhos, com os quais passariam a se relacionar dali para frente, direta ou indiretamente. A reunião foi bem longa, e quando a lua despontava por sobre as colinas, todos se retiraram para suas casas.

O déjà-vu de Pedro Paulo

Quando chegaram em casa, tia Constância, que tinha uma prestatividade sem igual, e havia deixado os baldes com água quente sobre o fogão de lenha, foi logo dizendo:

— Pessoal, antes de prosearmos, enchi um balde de água quente, para cada um tomar seu banho. A mochila de roupas do professor Joe, coloquei no mesmo quarto que está o Pedro Paulo, e arrumei a outra cama também.

— Obrigado tia, a senhora nos deixa mal-acostumados, pensa em tudo, que sorte a nossa disse o rapaz sorrindo.

— Hoje abro mão de ser a primeira. Deixo essa honra para o nosso convidado especial. Professor Joe, pode ir e não tenha pressa em terminar. Depois será a sua vez meu amado. Vou ajudar minha tia com o jantar. (Emendou Lucile.)

— Bem, percebi que não tenho alternativa, obrigado. Retrucou brincando o professor, indo pegar o seu balde de água.

O professor Joe, que não havia tomado banho no povoado antes, com um outro balde de água fria, deixou a água na temperatura desejada, pois conhecia o famoso método da canequinha. Depois dele foi a vez do rapaz, e na sequência a

garota. A tia tinha o hábito de tomar banho somente um pouco antes de ir para os seus aposentos.

A tia e a sobrinha prepararam um autêntico banquete da roça para eles. Tinha peixe e frango frito, legumes cozidos, limonada, frutas e doce de abóbora de sobremesa. Os homens como sempre, comeram demais, cada um com suas preferências, o professor com o prato principal e Pedro Paulo com a sobremesa.

Após o jantar todos foram para a sala, pois havia muita conversa para ser posta em dia desde que o professor fora embora, apesar de não ter passado tanto tempo assim. Naquela ocasião, o assunto era o dia a dia da vida familiar, as brincadeiras pessoais, as redundâncias das coisas faladas, a paixãoite dos juvenzinhos ali presentes, segundo tia Constância. Em verdade, era um momento de paz e amor para não ser jamais apagado da memória.

Finalmente todos foram para os seus quartos. O dia seguinte seria muito importante e decisivo para eles. Na verdade precisariam rezar muito, cada um para seus deuses, pois toda ajuda seria bem-vinda. Depois que entraram em seus quartos, e o silêncio tomou conta de toda a casa, como se cada um estivesse acomodado em sua cama, o rapaz sentou-se na sua, de frente para o professor, que também se sentara na dele, e puxou conversa:

— Professor Joe, estive com o senhor ainda ontem, lá na Caverna do Diabo, com a excursão do colégio.

— Que brincadeira é essa, Pedro Paulo, estivemos lá duas semanas atrás, depois pernoitamos na pousada e viemos para cá.

— Pois é! Essa é a conclusão do senhor neste momento, e de todas as demais pessoas a nossa volta, que continuam ainda

vivenciando — o meu primeiro sonho. Eu, por outro lado, tenho certeza de que estou no — segundo — como uma continuação ou sei lá o quê!

— Explique isso direito garoto, não estou entendendo nada.

— Eu vou contar ao senhor, mas a história será um pouco longa e também bem maluca. O que estamos vivendo aqui hoje, faz parte de um sonho que tive na semana passada, exatamente — no dia 27 de novembro de 1972 — na noite de segunda para terça-feira, após ser comunicado em sala de aula, que havia ganhado esse passeio, premiado por ter obtido a terceira nota mais alta do colégio. O fato inusitado, é que o passeio seria realizado na semana vindoura — no dia 04 de dezembro de 1972 — no caso ontem. Entretanto, enquanto dormia naquela noite, sonhei imaginando tudo isso: A saída de nossa cidade, a conversa no ônibus durante o percurso, a visita à Caverna do Diabo, a descoberta deste povo e sua cidade.

— Estou meio atônito e chocado, Pedro Paulo, pois se era o seu sonho, como posso ter as mesmas memórias, tão vivas em minha mente, e hoje estarmos aqui de forma tão real, hipoteticamente falando — uma semana depois — como se a vida estivesse seguindo o seu curso normalmente?

— Não faço a menor ideia professor, mas vou continuar descrevendo o que aconteceu comigo, depois que os governantes deles foram presos e o senhor foi embora, retornando para sua casa, eu permaneci aqui por mais alguns dias. Contudo, eu também precisava voltar para a casa dos meus pais e retomar os meus estudos, por isso em uma manhã, estava tentando convencer Lucile dessa necessidade, em um bate-papo lá na nossa